

Síntese sobre secção “cantos, contos e que mais...” Sobral de Monte Agraço.**Filomena Sousa (Memóriamedia)**

Diferente do que é habitual na metodologia de trabalho do Memóriamedia, a gravação da Delfina Cunha realizou-se porque a própria contactou a equipa do projecto e demonstrou interesse em falar das suas memórias, dos contos e lendas tradicionais do concelho de Sobral de Monte Agraço e do trabalho de recolha etnográfica que tem realizado ao longo de várias décadas.

Delfina Cunha nasceu em 1938 na localidade de Fetais, freguesia de Santo Quintino, no concelho de Sobral de Monte Agraço. Trabalhadora agrícola, poetisa, artesã e muito interessada por tudo que é património cultural do concelho, Delfina já publicou dois livros onde descreve e documenta várias manifestações culturais locais: *A voz do povo: poesia e etnografia* (2000) e *Recordando a nossa gente: conhecer e reviver outros tempos* (2009).

A gravação do Memóriamedia realizou-se em 2011, em Fetais, na casa da Delfina.

Delfina Cunha soube do trabalho do Memóriamedia através de uma reportagem da televisão que apresentava um documentário feito no concelho de Alenquer acerca da tradição oral e, em particular, sobre as cantigas ao desafio cantadas no cimo das cerejeiras na época da apanha da cereja. Delfina Cunha e algumas das suas familiares fizeram parte de alguns dos ranchos que trabalharam na apanha da cereja, esse tema é-lhe muito querido e por isso, num dos seus vídeos, descreve:

“(...) A cereja é a fruta mais melindrosa que temos no nosso país, na França e nos outros países, porque eu também já vi a fruta, a cereja na França. Há um pé que tem duas cerejas: uma está madura, a outra está verde. Essa cereja tem que ser apanhada com a unha – a que está madura, para não afectar a que está verde, para a verde lá ficar, para amadurecer para o segundo ou para o terceiro apanho. Porque aquilo leva mondas; a cereja leva mondas. (...) Depois a cereja é posta dentro de cestos – era! Agora não há cerejeiras... Era posta em cestos. Cestos, não é maquinos! Era cestos brancos feitos de salgueira branca. E a salgueira era descascada. E depois quem fazia estes cestos era o Pirolhas, um homem chamado o Pirolhas, que era da Gataria (...)

E então a cereja tinha essa paciência de ser apanhada com a unha. E os cerejeiros – havia um rancho de mulheres e havia sempre um cerejeiro no cerejal. E o cerejeiro dizia assim:

- Eh, raparigas, cuidado! Não apanhem cereja verde porque a gente para a semana apanha mais, a gente vem cá outra vez.

E depois a gente, à hora de almoço, cada uma trazia um cesto de cereja para a adega da Dona Mimi. Depois, aquelas que tinham mais jeitinho para fazer os caculos, ficavam a fazer... Ia-se apanhar feto, ia-se apanhar parra... Faziam-se os maquinos e depois enfeitava-se tudo, os maquinos, com as cabecinhas da cereja para cima. Ficavam lindas! Depois havia as galeras. Nessa época já era o Joaquim Lóio que levava na camioneta, mas antes de mim, antes de mim e da minha mãe, havia as galeras de quatro rodas, duas grandes atrás e duas pequenas à frente, puxadas por quatro moares – ou dois machos ou duas mulas, pronto; mas era quatro bestas dessas – e levavam, ajuntavam as cerejas do Manuel Lóio, do António Custódio, do Joaquim Lóio, da Quinta de Valverde – aqui na nossa zonasinha pequenina, não é? E esses maquinos eram levados para Lisboa, para a Praça da Ribeira, para os revendedores que lá estavam para vender as cerejas aos compradores (não havia supermercados): às lojas, às praças pequenitas e isso assim. (...)”

Delfina Cunha, Fetais, 2011

Sobre as cantigas ao desafio cantadas no cimo das cerejeiras, Delfina dá-nos um exemplo do *Ó ai ó linda*, cantiga muito cantada nesta ocasião e que tinha muitas versões, mas cujas quadras iniciavam sempre pelo verso “*Ó ai ó linda*”:

Ó ai ó linda

*Ó ai, ó linda
A água corre pró rio
A água corre pró rio
Do rio corre pró mar*

*Ó ai, ó linda
Do rio corre pró mar
Meu amor corre pra mim
Para me vir namorar*

*Ó ai, ó linda
A água corre pró fonte
A água corre pró fonte
Da fonte pró chafariz*

*Ó ai, ó linda
Da fonte pró chafariz
Não digas que me deixaste
Que fui eu que te não quis*

*Ó ai, ó linda
Ao passar a ribeirinha
Ao passar a ribeirinha
Pus o pé, molhei a meia*

*Ó ai, ó linda
Pus o pé, molhei a meia
Não casei na minha terra
Fui casar à terra alheia*

*Ó ai, ó linda
O rapaz do chapéu preto
O rapaz do chapéu preto
Pisca o olho à rapariga*

*Ó ai, ó linda
Pisca o olho à rapariga
Por baixo do chapéu preto
Precisa a cara partida*

Sobre lendas e superstições Delfina relatou algumas histórias de bruxas e lobisomens, entre elas o relato do encontro de bruxas da região e da bruxa que vinha de Santarém:

A bruxa que vinha de Santarém

“E então as bruxas combinaram juntarem-se ali naquela encruzilhada à espera das outras colegas. Havia uma que estava-se a demorar muito e ela a dizer assim:

- Ai, fulana não há meio de vir... Está-se a fazer tarde... -e isto e aquilo...

Mas lá apareceu ela. Depois começaram as outras todas:

- Então, mas isto é que são horas de chegar?! -mais isto e mais aquilo...

Não sei quem ouviu! Eu não inventei! E ela respondeu assim:

- Olha... Quem tem maridos a adormecer e filhos a acalantar, de Santarém aqui, já foi muito caminhar!”

Delfina Cunha, Fetais, 2011

Em relação a literatura tradicional, destacamos o “Cantar dos animais”, uma fábula que Delfina aprendeu através da tradição oral e que publicou num dos seus livros. No vídeo publicado no Memóriamedia podem ver e ouvir a Delfina a dar voz a estes animais:

O cantar dos animais

Esta foi a minha avó, a minha grande amiga avó, que me contou. Primeiro era o galo do Augusto Silvestre, que era rico, e era o galo do Manuel Silvestre, que também era rico, que eles eram irmãos. E era o coquicho do João Fidalgo, que ele era fidalgo era de alcunha, porque ele era pobrezinho como Job, coitadinho. E era o cão do Zé da Leonor. E era a vaca do Justino Eslau, mas toda a gente lhe chamava era o Justelau.

O primeiro galo cantava assim:

- Há por cá muita fartura!

E o outro galo, do irmão do rico, dizia assim:

- Tanto por lá, como por cá!

E depois o coquicho do fidalgo era pobre, coitadinho... não tem muita força para cantar! Dizia assim:

- Triste de mim!.

O cão do Zé da Leonor, que era pobre e tinha fome, dizia assim:

- Fome, fome, fome, fome, fome, fome!

E a vaca do Justelau, que estava lá na abougaria, ouvia os outros a barafustar. Tinha uma choca ao pescoço; abanava a choca e dizia assim:

- Quem tem, tem; quem não tem, não tem... Quem tem, tem; quem não tem, não tem...

Delfina Cunha, Fetais, 2011